

**A Carta da Terra:
o desafio de lembrar à Humanidade
a sua identidade**

Maristela Barenco¹

1- Introdução

O Documento *A Carta da Terra* nasceu em um contexto histórico de profundas crises. Crises-sintomas, que apontam para uma crise-causa: a falência de um modelo civilizatório, de um modelo paradigmático do humano se conceber e às suas relações. As evidências fazem-se notar: algo precisa ser interrompido, para que um novo possa irromper. Mas o contexto também é repleto de potencialidade: *A Carta da Terra* é já a expressão coletiva de uma nova consciência planetária que vai surgindo. Não nasceu de poucas cabeças, mas de muitas vidas. Nesse sentido, o documento já representa a irrupção de um novo.

Mas não devemos cair na tentação de dizer exhaustivamente o que "deve ser" esse novo. Não podemos esquecer que nossas vozes ainda ecoam do fundo de um modelo a ser superado. Somos filhos desse modelo. E ainda que já não estejamos satisfeitos com ele, ainda não somos suficientemente libertos dele. Nossa ânsia em descrever o novo pode maculá-lo na potencialidade que ele tem de ser realmente diferente. Interromper o que está dado – parece ser esse o desafio que a nós cabe. Ajudar a construir um paradigma que estimule a humanidade interromper o que está dado...

Na educação, esse desafio tem inúmeras e imensas possibilidades, sobretudo porque toda educação – formal e informal – como sistema de formação, é extremamente conservadora, no sentido de que tem efeitos de

¹ Coordenadora Pedagógica do Centro de Defesa dos Direitos Humanos e Coordenadora do Grupo Filhos da Terra.

longa duração em um modo de vida. Isso tem seu lado importante, porque o que pode caracterizar, na história, um processo evolutivo, dependerá de uma certa conservação e constância, desse modo de vida, por inúmeras gerações. A forma como aprendemos e fomos ensinados revela a forma como vivemos e ensinamos. Mas é exatamente nessa característica que se esconde o risco. A educação tem sido espaço de legitimação e manutenção de um modelo civilizatório que coloca a humanidade em risco. Se há algo que se deva conservar no processo educativo, esse algo deve ser a paixão pela transformação, pela busca do inusitado e do mais crítico, que permita às crianças – também por paixão! - de forma espontânea, sem esforço – redescobrir modelos relacionais mais incluídos e harmoniosos, que levem à convivência com a alteridade, respeitando o direito à diferença.

Na perspectiva de novos paradigmas, Humberto Maturana², expoente da Biologia do Conhecimento, faz-nos uma provocação:

Todos os conceitos e afirmações sobre os quais não temos refletido, e que aceitamos como se significassem algo simplesmente porque parece que todo mundo os entende, são antolhos ³.

Para que o novo irrompa, precisamos nos questionar acerca de nossos *antolhos*. Sem empreendermos em nós esse trabalho difícil de reconhecimento, o documento *A Carta da Terra* e sobretudo a sua proposta não passará de um conjunto de normas, até princípios, puramente teóricos, que são lidos e trelidos,

² Maturana, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005, 15.

³ Segundo o Aurélio, antolhos são *peças de couro dos arreios que obrigam os animais a olhar para a frente, evitando que se espantem*. De alguma forma, limitam o ângulo da visão, induzindo a uma visão linear.

admirados, e depois colocados nas estantes de nossas casas, mas impotentes no sentido de interromper o que está dado para fazer irromper um novo.

A *Carta da Terra* já é diferente de todos os documentos. O texto em si foi elaborado pressupondo a superação desses *antolhos*. Ela inaugura novos conceitos, é sistêmica na forma e na metodologia, e nos insere diante de novas leituras da realidade e de possibilidades, todas interdependentes.

Por isso, para apreendê-la e acolhê-la, faz-se necessária uma sensibilização. De parte da Terra que somos – Leonardo diz que *somos a própria Terra que sente, que pensa, que ama, que cuida e que venera*⁴ -, ou como filhos da Terra, precisamos resgatar uma humildade (de húmus), que nos devolva a fertilidade necessária para desenvolvermos novas sementes de consciência.

São muitos os *antolhos* que nos limitam. Aqui, no entanto, procuraremos refletir sobre alguns resgates importantes na superação de *antolhos*, para que possamos avançar em termos de consciência.

2- O resgate da Emoção

Somos seres sobretudo emocionais. Nascemos e crescemos aprendendo que o que caracteriza o ser humano é o fato de sermos racionais. A racionalidade não só fundamentou uma distinção do ser humano em relação a outras espécies, como consolidou uma tendência antropocêntrica, afirmando a nossa superioridade como espécie. Aprendemos isso. Pela razão, soberana, colocamo-nos no “topo” da cadeia da vida. Porque temos razão e inteligência, aprendemos que a nós foi confiada a tarefa de conhecer (fazer ciência), dominar e até controlar o mundo. Uma hermenêutica patriarcal das Escrituras também reforçou isso, a partir do Livro do Gênesis. Sentimo-nos chamados a

⁴ Boff, Leonardo. **Ética e Sustentabilidade**. Cadernos de Debate Agenda 21 e Sustentabilidade. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável, 2006, p. 8.

crescer e dominar a Terra. De alguma forma, a ciência nasceu e se desenvolveu nesse espírito.

Mas certamente a história do Universo guarda outras interpretações em relação ao humano. Boff nos alerta que durante 99,98% de sua história, o Universo complexificou-se sem a presença humana. Se a vida que emerge há 3,8 bilhões de anos é um capítulo da história do Universo, a vida humana (aproximadamente 7 milhões de anos) é um subcapítulo. O Universo simplesmente configurou-se sem a presença humana.

Hoje a Biologia do Conhecimento vem reforçar que a racionalidade não é o eixo do humano. Que o humano se encontra no entrelaçamento entre razão e emoção. Que o que permitiu que o cérebro se desenvolvesse historicamente e nos tornássemos complexos, não foi a razão, mas a linguagem. E a linguagem não é uma aquisição do ser humano, fechado em si mesmo. Não há uma linguagem pronta, que cada um de nós aprende e desenvolve. Ela não está no cérebro, ainda que este se desenvolva através dela. A linguagem, que definiu a espécie Homo, nasceu de profundas interações cooperativas e consensuais. Sem relação, sem cooperação, sem interação, sem consenso, não haveria a linguagem. Portanto, a linguagem nasce sobretudo da emoção, em seu sentido originário, que não é a mesma coisa que um sentimento. Emoção, em seu sentido etimológico, significa “mover-se para fora”. Emoção é o movimento da vida em relação ao meio e às relações. Sem emoções que nos fizessem interagir com o meio e com os outros seres, jamais seríamos capazes de nos desenvolver na linguagem.

Assim, por trás de qualquer racionalidade, há uma emoção fundante. A mudança de nossos fundamentos racionais depende de uma interferência nas bases de nossas emoções.

Maturana irá identificar uma emoção básica, nos primatas da nossa linhagem, que permitiu com que a vida e o cérebro se complexificassem: o amor.

Não o amor-adjetivo, aprendido, valor religioso e considerado virtude especial, mas o amor-substantivo, constitutivo da vida:

(...) Por isso penso também que, para que se desse um modo de vida baseado no estar juntos em interações recorrentes no plano da sensualidade em que surge a linguagem, seria necessária uma emoção fundadora particular, sem a qual esse modo de vida na convivência não seria possível. Esta emoção é o amor.⁵

Estamos em um momento da história em que o Universo clama por um humano mais emocional e consciente de suas emoções, sensível e menos racional e pensante. Talvez, o grande desafio da Educação, nessa perspectiva, seja levar a humanidade a desaprender suas certezas, verdades, padrões de relacionamento; seja o de promover uma alfabetização ecológica⁶; seja incentivar um retorno não ao passado, mas às origens do que já fomos.

3- O resgate do senso de pertencimento

Pela mesma herança racionalista, que acima já nos referimos, os que nunca nos conformamos com as estruturas da sociedade aprendemos a apostar no discurso racional e ético para evocar as mudanças que sonhamos. Sempre apostamos no poder midiático, da palavra, e fizemos dele o nosso instrumento

⁵ Maturana, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005, 22.

⁶ O termo é de Fritjof Capra, que tem um trabalho voltado para a Alfabetização Ecológica de crianças. O objetivo é observar como as Comunidades de Seres Vivos se comportam, extraindo daí e da experiência ecológica concreta, valores. (Cf. Capra, Fritjof. Alfabetização Ecológica: o desafio para a educação do século XXI. In: Trigueiro, André (Org). **Meio Ambiente no Século 21**. 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003, p. 19).

pedagógico. Temos dificuldades de reconhecer que estes – ainda que maravilhosos – só convencem aqueles que já estavam convencidos ou aqueles cuja emoção já encontrava ressonância naquilo que ouvia. Afinal, ideologias assentam-se sobre premissas emocionais. Talvez por isso se diga, popularmente, que religião, futebol e mulher não devem ser temas em debate. A história mostra isso de forma sangrenta.

A *Carta da Terra* coloca-nos, entretanto, diante de uma realidade inusitada. Seus princípios não existem para serem adotados por uns poucos. Não estamos mais diante de uma realidade que nos possibilita dividir-nos em tendências, em facções, em partidos. Ainda que mulheres, crianças, negros, indígenas tenham, entre os mais pobres, suas vidas de fato mais ameaçadas, uma crise ecológica coloca vulnerável toda a Humanidade. O ar, a água, a terra, as condições climáticas... são universais em sua manifestação. Uma consciência planetária é um imperativo pós-ideológico; é uma questão de sobrevivência da humanidade. Precisamos todos estar sensíveis a essa questão, que a todos envolve. O destino humano é coletivo.

Nesse contexto vem uma questão crucial: como sensibilizar os que não pensam como nós? Como sensibilizar os 2/3 da *intelligentia* mundial que trabalha para projetos militares⁷? Como sensibilizar uma lógica global do capital, endossada por Governos, que transforma vida e recursos naturais em mercadorias de consumo? Como sensibilizar uma cultura que sofre de uma hipertrofia em relação ao presente, pouco se importando com os direitos das futuras gerações?

⁷ Segundo Boff, 2/3 da *intelligentia* mundial trabalha para projetos militares, onde são aplicados 1-3 trilhões de dólares ao ano, em contraste com os 130 bilhões de dólares destinados à preservação da vida. (Cf. Boff, Leonardo. **Ética da Vida**. Brasília: Editora Letraviva, 1999, pp.42-46).

Um dos “antolhos” perigosos, já acima citado e que vale repetir, é que somos exímios formuladores de princípios, sem nos darmos conta de que estes, muitas vezes, estão sendo formulados no seio da matriz de pensamento que se vê em crise. Nesse sentido, devemos motivar mais a humanidade para que esta e suas instituições tenham a coragem de interromper o que está dado, antes de pensar em um novo começo. Para que valores possam nascer, é preciso que valores possam morrer. É da interrupção do que está dado que será possível vir um novo para nós, quiçá melhor, ainda não materializado. O esvaziamento é um princípio oriental importante: condição para o surgimento de uma nova vida.

Na visão dos novos paradigmas, a Ecologia, como uma forma interdependente de se estar na Casa Comum, e a Ética, como um modo de se relacionar nessa Casa, não tem a ver só com princípios, mas, sobretudo, com um sentimento de pertença. O sentimento de pertença emana de um fundamento ético. Um fundamento ético nasce sobretudo de uma emoção e de uma experiência. Por isso é mais fácil cuidar das relações primárias do que de todas as outras. Sentimos e nos comovemos por aquilo que está próximo e por aquilo que acreditamos que faz parte de nós. Isto porque temos fundamentos éticos para aprender a amar e nos sentir fazendo parte dos nossos próximos (sobretudo família). O grande desafio, pois, que uma Ética Planetária postula, não tem a ver com a elaboração de novos discursos de convencimento, mas com a sensibilização para a ampliação das redes de pertencimentos. Precisamos cultivar fundamentos éticos mais amplos, que alarguem nossos horizontes e experiências humanas, que incluam outras culturas, outras nações, outros credos, outras formas de vida, enfim, precisamos de fundamentos éticos de uma Consciência Planetária.

A *Carta da Terra* inaugura um fundamento ético quando nos lembra que fazemos parte de uma só família humana, com origem e destino comuns. Precisamos resgatar a emoção dos antigos, de nos sentirmos fazendo parte e pertencendo ao Universo. Precisamos resgatar os princípios tribais, de forma ampliada, entendendo que a Terra é uma mesma tribo humana.

Esse processo é marcado por conflitos, porque é a Cultura e não a Natureza que exclui, que gera espírito de competição e negação. E o ser humano, que se vê excluído e não pertencendo, responde a isso agredindo sobretudo à Natureza, sem se dar conta de que está ameaçando a própria vida.

Pertencer é ser parte e não possuir uma parte. Tem a ver com a lógica do “pensar localmente e agir globalmente”. Precisamos passar de gestores para colaboradores. Entender isso é superar um “antolho”.

4 - Resgate do significado de Cultura da Paz

A Carta da Terra inaugura um conceito de Cultura da Paz bastante pertinente: *Reconhecer que a paz é a plenitude criada por relações corretas consigo mesmo, com outras pessoas, outras vidas, com a Terra, com o grande Todo do qual somos parte.*

No que se refere à Cultura da Paz, sempre carregamos muitos “antolhos”. Aprendemos que o ser humano é agressivo e competitivo por natureza. Aprendemos que *roupa suja se lava em casa*. Aprendemos que *em briga de marido e mulher ninguém mete a colher*. Aprendemos que o conflito é ruim. Todos esses aprendizados significaram desaprendizados históricos de nossas origens.

Uma Cultura da Paz não é uma realidade que está à nossa frente, quase utopia, resultado de muito trabalho. Uma Cultura da Paz é a metodologia, por excelência, para efetivar o *modo de vida sustentável*, novo princípio civilizatório postulado pela Carta da Terra. Sem uma Cultura de Paz que nos reconcilie conosco mesmo e com os outros, jamais conseguiremos nos reconciliar com os

outros seres e com o grande Todo do qual fazemos parte. Até mesmo porque não nos sentimos fazendo parte, mas nos colocamos à parte.

O que a ciência sabe hoje é bem diferente do que aprendemos. Pelo estudo de registros fósseis e de povos que guardam valores ancestrais, sabe-se que até 10 mil anos atrás (época da Revolução Agrícola), em que o ser humano deixa de ser nômade e começa a tomar posse das coisas, não haviam guerras e nem a violência que se conhece hoje.

Por uma consciência profunda da condição de fragilidade nômade, da importância do espírito cooperativo para a defesa e a sobrevivência, pelo sentimento de parentesco e pertencimento entre todos, estima-se que os primatas humanos eram profundamente cooperativos, a tal ponto, que se constituíram através da linguagem, que depende de consensos e interações permanentes. Nas tribos primitivas, ainda havia o papel dos chamados “terceiros”⁸, que podiam ser pessoas ou a comunidade inteira, que ajudavam na intermediação dos conflitos inerentes à existência. A “paz” era uma aquisição de responsabilidade coletiva. A cooperação era a metodologia para a resolução dos conflitos. E como as pessoas tinham uma formação social austera, os propósitos individuais eram congruentes com os propósitos coletivos.

Por isso, afirma-se hoje que a competição, enquanto fenômeno que engendra a negação de um outro, é um processo cultural que nada tem a ver com o biológico. Biologicamente, a vida se complexifica em função de um senso cooperativo entre todas as espécies.

A partir da Revolução Agrícola, com o sedentarismo e a aquisição da propriedade privada, começam os registros dos conflitos coletivos, das guerras e da violência. É quando o humano deixa de ser colaborador e parte para passar a ser o gestor e proprietário da vida.

⁸ Ury, William. **Chegando à Paz**. Resolvendo conflitos em casa, no trabalho e no dia-a-dia. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2000.

Uma Cultura da Paz é um pré-requisito à Consciência Planetária. Depende de um olhar cooperativo, antes sobre nós mesmos, sobre a nossa relação com tudo o que nos cerca. Sem uma Cultura da Paz não pode haver integração ecológica. Avançar nessa reflexão é superar um “antolho”.

5 - Resgate do Princípio de Coexistência

Somos herdeiros de uma lógica que não nos constitui plenamente. É uma lógica antropocêntrica (melhor dizendo, eurocêntrica), racionalista, cristã. Ainda que o povo brasileiro tenha sido “forjado” a partir do encontro forçado, sobretudo do colonizador português com índio e com africano, herdamos a matriz cultural principalmente dos primeiros.

A cultura do colonizador era marcada por alguns aspectos que também nos marcaram: a soberania em relação a outras culturas – que se configurou numa matriz de intolerância ao outro e ao diferente -, e o sentimento de apartamento da natureza, em função de uma racionalidade.

Postula-se hoje algumas teorias para a forma interativa com que os portugueses estabeleceram relação com os habitantes do Brasil. Uma primeira tem a ver com o espírito de colonização: quem coloniza, subjuga, nega, converte, submete, escraviza. Uma outra teoria tem a ver com o fato de que os índios demonstravam muita integração com a natureza. Como a matriz cultural do colonizador europeu já era marcada por um sentimento de distinção entre ele e a natureza, sendo esta objeto de exploração, a constatação de que os indígenas eram naturais fez com que a relação estabelecida com esse povo fosse nos mesmos moldes que a estabelecida com a natureza: uma relação de domínio. Uma terceira, de vertente antropológica, acredita que o sentimento de colonização vem em função do reconhecimento de uma falta, por parte do

colonizador. Há o domínio, não em função do que o outro é, mas do que o outro revela sobre aquilo que não tenho e não sou.

De qualquer forma, a partir daí, essa matriz de intolerância, passou a definir nossas relações. Por isso, de 6 milhões de indígenas que viviam nesta nação, restam apenas aproximadamente 200 mil. Por isso 10 milhões de africanos deixaram suas terras para construir o nosso país. E, como diz, Boff, ainda que tenhamos superado a escravidão formal, não houve nenhuma compensação histórica para com essas culturas. E nem nossa matriz de pensamento mudou.

O que a ciência postula, hoje, é bem diferente do que aprendemos. Ainda pelo estudo de registros fósseis e de povos que guardam valores ancestrais, sabe-se que o que permitiu à vida se desenvolver, evoluir e chegar até os dias de hoje, é exatamente o contrário de uma intolerância à diferença, mas uma profunda aceitação e respeito ao outro, como legítimo outro. Ainda Maturana postula que aquilo que o que define uma relação social é a aceitação e o respeito do outro, como legítimo outro⁹. E os nossos primatas antropóides, sustentados biologicamente por uma emoção de amor, conseguiram fazer isso, resultando numa espécie que se consolidou com a linguagem.

Para Maturana, o ser humano só é e será capaz de aceitar e respeitar o outro, em sua diferença, à medida que aceitar-se e respeitar-se a si mesmo, motivado pela aceitação e respeito do outro para consigo. Não é possível aceitar e respeitar, sem aceitar-se e respeitar-se. Nesse sentido, esse é o desafio de todo o processo educativo, que culmina numa Cultura de Paz: propiciar que as pessoas se aceitem e se respeitem para que possam aceitar e respeitar os outros, o diferente de si mesmo, outras culturas e crenças, o Universo em sua profunda alteridade complementar.

⁹ Maturana, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2005, 24.

6- Desafios que permanecem

A *Carta da Terra* quer lembrar à humanidade a sua identidade e origem. Quer afirmar princípios de uma identidade perdida. Quer nos lembrar que quando esquecemos quem somos, tornamo-nos autodestrutivos e destrutivos em relação ao que nos cerca. Quer nos lembrar que nem sempre estivemos no topo da cadeia da vida e que quando não estivemos mergulhados nessa ilusão, a vida desenvolveu-se de forma equilibrada. Quer nos lembrar que os seres vivos e seu modo de se organizar têm muito a nos ensinar. Quer nos lembrar que as mudanças precisam partir das habilidades e possibilidades locais. Quer nos lembrar que a cooperação não é a ausência de conflitos, mas a metodologia para a resolução deles. Quer nos lembrar que tudo precisa começar e não terminar com uma Cultura da Paz, que é o processo, através do qual, reconecta-se de forma qualitativa com a totalidade da vida, a partir de outras lógicas e modalidades de relação. Quer nos lembrar que existem saídas e que somos chamados a escolher. E, por fim, também quer nos lembrar que esse tempo pode ser lembrado como um nosso começo. Tudo isso depende de nós. De cada um e da coletividade.

Permanecem muitos desafios. Interromper o que está dado. Romper com o ritmo cronológico que nos é imposto. Esvaziarmos nossa mente. Silenciarmos por um tempo. Reconectarmos o nosso centro, fazendo contato com o que somos e de fato necessitamos. Redescobriremos nossos afetos e emoções, redimensionando os nossos desejos... Enfim, voltarmos a contemplar e a sentir todas as formas de vida, antes de pensarmos sobre elas... eis alguns desafios para a implantação da Carta da Terra.

A *Carta da Terra* termina, fazendo votos de que o nosso tempo seja lembrado como um tempo de mudanças e recomeço. Sobretudo de reverência face à vida. Quiçá, nesse tempo, possa se resgatar um ser humano mais consciente e menos arrogante, capaz de cuidar da vida em todas as suas

expressões – sem ver nisso uma aquisição especial -, capaz de cultivar propósitos individuais que coincidam com os coletivos, de tal forma, que a sua integração e Cultura de Paz seja a expressão da sua própria natureza. Fernando Pacheco, presidente do Instituto EcoOca postula que o *homem ecológico será aquele que conseguir, sem sacrifício, agir no cotidiano sentindo-se parte e não gestor de seu habitat*¹⁰. Ideal é o modelo de humano sábio, nas palavras de Confúcio (cf. Os Analectos, II, 4)

Aos quinze anos, orientei o meu coração para aprender.

Aos trinta, plantei os meus pés firmemente no chão.

Aos quarenta, não sofria mais de perplexidade.

Aos cinqüenta, sabia quais eram os preceitos do céu.

Aos sessenta, eu os ouvia com ouvido dócil.

Aos setenta, eu podia seguir as indicações do meu próprio coração, pois o que eu desejava não mais excedia as fronteiras da Justiça”.

A história da humanidade registra um ser humano que se lançou à aventura de desbravar um mundo ao seu redor. E talvez o seu desastre tenha sido se debruçar fora antes mesmo de conhecer a si mesmo. A crise atual revela o declínio de um tipo de subjetividade e a completa inabilidade do ser humano lidar com os seus próprios desejos. Se o capitalismo sobrestimou a dinâmica dos desejos, transformando tudo em objetos de consumo, o socialismo subestimou essa dinâmica, apostando na supremacia do pão sobre a beleza.

Um modo de vida sustentável terá certamente que se ocupar com a questão do desejo. Uma consciência planetária exige uma sinergia mínima entre

¹⁰ Caderno JB Ecológico, ano 4, no. 57, outubro de 2006, p. 12.

propósitos pessoais e coletivos. A Carta da Terra expressa bem essa preocupação. Tem consciência que é preciso que haja mudança de valores e consciências. Diria que é precisamos nos empenhar na emergência de uma Eco-subjetividade, ou Subjetividade Sustentável, capaz de dar suporte a um modo de vida sustentável. Quiçá ela dê conta de forjar um novo ser humano que, diferente do poema de Confúcio, muito antes dos setenta anos, seja hábil em ouvir seu coração e que tenha desejos que, naturalmente, não excedam as fronteiras da Justiça.